

AS TATUAGENS E O MUNDO DO CRIME

Fernando Pascoal Lupo

Promotor de Justiça

O ser humano pode ser individualizado no meio social de diversas formas.

O nome e o patronímico, os nomes dos pais, a alcunha, a profissão e o trabalho, a naturalidade, a data e o local de nascimento, o estado civil e o grau de instrução, em suma, todas essas informações são capazes de, em algum grau, individualizar uma pessoa.

A assinatura do sujeito também constitui-se em marca individualizadora.

As características cromáticas, como a cutis, a íris, a cor dos olhos e cabelos e o tipo de cabelo também servem para individualizar cada ser humano.

Outras individualidades físicas, como o sexo e a altura, eventuais deformidades, cicatrizes e amputações destacam um ser do outro, bem como o fato de ele ser canhoto, destro ou ambidestro, possuir tiques, cacoetes, gaguez, sotaque estrangeiro ou regional, fala defeituosa ou mudez, ser dentuço ou desdentado, apresentar particularidades no andar, lábios leporinos ou deformados.

Da mesma forma, a característica da pessoa que personifica o sexo oposto ou o fato de ela ser estrábica, bexiguenta, possuir olhos orientais, manchas na pele ou pintas, espinhas, sardas, sobrelhas ligadas, estrabismo, calvície, ser albino ou sarará também serve como fator diferenciador.

A identificação do indivíduo pode ser feita por impressões digitais (dactiloscópicas), palmares, plantares, labiais e ungueais, assim como pelo material biológico do qual se obtém o perfil genético, e pelo reconhecimento facial.

A antropometria, ramo da antropologia física ou biológica que estuda as medidas e dimensões das diversas partes do corpo, ocupa-se em analisar aspectos genéticos e biológicos do ser humano e compará-los entre si. Ela é utilizada como ferramenta de identificação de criminosos, com base na descrição do corpo do suspeito, por meio de retrato falado, fotografias e tatuagens.

Assim, também por meio das tatuagens pode ser individualizada uma pessoa.

A arte de marcar ou tatuar o próprio corpo remonta a 3.300 a.C., se difundindo por todos os continentes. Tal hábito, naquela época, tinha diversas finalidades, como: identificação de grupos sociais, rituais religiosos, ornamentação, camuflagem, terapêutica, embelezamento, marcação de marinheiros, escravos, prisioneiros e de grupos criminosos.

Hoje em dia, porém, as gravuras não pertencem necessariamente a um grupo, servindo, muitas vezes, como forma de expressão individual.

O tema atrai muito interesse, tanto é que existem diversos museus de tatuagem espalhados pelo mundo, como no Brasil (São Paulo), na Inglaterra, no Japão, na Tailândia, na Alemanha, nos Estados Unidos da América, na Nova Zelândia, em Marrocos.

Acredita-se que, nos primórdios da humanidade, a tatuagem tenha surgido com a busca de tentar preservar a pintura no corpo.

A origem do nome *tatuagem* remonta ao século XVIII, quando James Cook, um navegador inglês, desembarcou na Polinésia francesa, Taiti, onde a palavra "tatau" era usada para designar a maneira com que a tatuagem era feita. Tatau significa "bater", e o som da batida do instrumento artesanal usado pelos nativos para fazer os desenhos pode ter dado origem ao nome "tatto".

Antigamente, como dito, a tatuagem era feita de modo artesanal – como atualmente é feita nos presídios. A máquina elétrica de tatuar surgiu no final do século XIX, inventada por um americano.

O primeiro tatuador a desembarcar no Brasil foi o dinamarquês Knud Harald Lykke Gregersen, mais conhecido como Lucky Tatto, em 1959.

Os desenhos gravados no corpo sempre geraram polêmica e, em muitos casos, preconceito.

O preconceito decorrente da tatuagem foi objeto de julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (R.E. 898450-SP) ao examinar caso de candidato tatuado que almejava ingressar no serviço público em desacordo com o respectivo edital.

Entendendo que a restrição por motivos estéticos viola os princípios da igualdade, da razoabilidade, da dignidade da pessoa humana, da liberdade de expressão, da proporcionalidade e do livre acesso aos cargos públicos, o Pretório Excelso *proibiu* a discriminação, tornando sem efeito a cláusula do edital.

Destarte, para o ingresso no serviço público foi ressalvada a possibilidade do uso de tatuagens, *desde* que não exteriorizem valores excessivamente ofensivos à dignidade dos seres humanos, ao desempenho da função pública pretendida, incitação à violência iminente, ameaças reais ou que representem obscenidades, tornando-se incompatíveis com os valores éticos e sociais da função pública a ser desempenhada.

Todavia, segundo Diego Meneguetti, “atrás das grades os desenhos servem como uma linguagem cifrada: os presos identificam o crime que a pessoa cometeu, se ela é importante ou até confiável”.

A tatuagem é muito popular nos presídios e entender seu significado pode ser um valioso auxílio à investigação policial, servindo até mesmo para antecipar uma ação criminosa.

Policiais Civis e Militares têm investido em bancos de dados com informações sobre as tatuagens mais comuns para auxiliar em seus trabalhos.

Alguns desenhos podem parecer inofensivos devido às suas cores e traços simples e delicados, mas podem esconder motivos e até mesmo confissões bárbaras e cruéis.

“As tatuagens no mundo do crime podem ter vários significados, indicando se o sujeito já esteve preso, se é um foragido da justiça, o crime que cometeu, seu grau de periculosidade, sua preferência sexual, sua especialidade na delinquência”.

“No sistema prisional brasileiro ou de qualquer país os detentos se tatuam para mostrar a facção a qual pertencem, os crimes que cometeram, a trajetória no mundo do crime. As tatuagens não são feitas para enfeitar ninguém, elas revelam quem é o preso, o crime que praticou e o que se deve sentir por eles, seja medo, ódio ou desprezo”. (Subtenente PMDF Assis Araújo: A marca do criminoso, 2010).

Na verdade, as tatuagens de cadeia são uma forma de comunicação dos presos de assuntos sobre os quais eles não gostam de comentar. Apenas quem está integrado a esse meio marginal capta o significado dessas informações.

Inúmeras são as tatuagens ligadas ao mundo do crime, muitas das quais contam com diversas variantes, dependendo do tamanho, quantidade ou lugar onde são gravadas.

Passamos, então, a descrever algumas delas.

Pontos normalmente tatuados na mão classificam o criminoso. Um ponto indica o estágio inicial – batedor de carteiras; Dois pontos, o estuprador; Três pontos, o viciado em drogas; Quatro pontos, o traficante; Cinco pontos, o homicida (hierarquia do crime). Se a tatuagem for feita no rosto indica a homossexualidade.

O saci, personagem do folclore brasileiro, identifica traficantes ou usuários de drogas. Sacizeiro, que remete ao cachimbo do saci, é ligado ao usuário de *crack*, forma derivada da cocaína.

A folha de maconha, o Gnomo, o Mago, o Bruxo e o duende (saci europeu) – que se relaciona com preso baderneiro – estão associados ao tráfico e uso de drogas.

Mulher nua, com genitália à mostra, é utilizada por viciados em drogas injetáveis.

A âncora, a estrela de Salomão, a espada cruzada e o arco e a flecha, símbolo que representa Oxóssi – orixá da caça, no Candomblé –, servem como proteção das prisões e emboscadas (corpo fechado, tatua-se São Jorge e Arcanjo Miguel).

As imagens do mago ou do bruxo também representam assalto a ônibus e a estabelecimentos comerciais (cofres e caixas eletrônicos), especialistas em armas e explosivos.

A cruz com um crânio indica lealdade criminal – indivíduo já condenado, que é leal ao colega de cela, que guarda segredo. Ao inverso, o delator é identificado com a tatuagem de uma cobra enrolada ou apenas com o desenho de uma cobra.

Estupradores são marcados com a figura de uma sereia, de uma borboleta, de um golfinho ou de uma "boneca sexual", com a inscrição: "amor só de mãe" em coração cortado por flecha, com o nome dela significando desculpas à própria genitora. Igualmente, eles são tatuados com um pênis nas costas ou em lugar visível. Vão servir de escravo sexual na cadeia.

A figura de Jesus Cristo crucificado, com a coroa de espinhos ou só com a inscrição JC, se relaciona com o homicida – também condenado pelos homens. A inscrição JC nos braços, pernas ou peito é ligada a um latrocida. Nas costas, um pedido de proteção.

A imagem de palhaço tem ligação com assaltantes, quadrilheiros ou matadores de policiais. Se tiver lágrimas pretas, revela amigos mortos por rivais; lágrimas vermelhas, amigos mortos pela polícia. Se for acompanhada por caveira, é assassino de policiais, e a quantidade de caveiras varia de acordo com o número de policiais que matou.

O Chucky, personagem do filme "O brinquedo assassino", e o punhal atravessando um crânio humano ou um coração indicam assassinato de policiais.

A caveira é usada por presos que cometeram homicídio. A morte com foice representa presos ligados a grupos de extermínio.

O diabo personifica o mal – pistoleiros e matadores de aluguel.

A imagem de Nossa Senhora de Aparecida se relaciona com homicídios e latrocínios.

A espada e o punhal indicam indivíduo perigoso e destemido, que matou com arma branca. A figura do demônio sugere aquele que mata por gosto.

Uma serpente, ou a inscrição X-9, indica que o preso é traíra. Sugere que ele seja assaltante.

A imagem do arame farpado significa que o preso é um "dedo duro" ou assaltante há muito tempo detido.

A aranha revela que o bandido age em grupo, que é perigoso. Se a aranha estiver subindo pela teia, indica "ascensão na carreira". Se tiver várias aranhas, é um líder, conselheiro.

Teia de aranha, tatuada na mão, antebraço, cotovelo ou perna, significa lembrança do comparsa que morreu.

A imagem do *taz* (tasmânia, desenho) está ligada ao furtador, ao ladrão que age em grupo, que promove arrastões.

O polvo traduz capacidade de escapar de predadores, ligados a roubadores e arrombadores.

A figura da pomba significa sorte e bons ganhos, utilizada por ladrões de residências (caxangueiros).

A carpa, que possui forte ligação com a cultura japonesa, indica símbolo de prosperidade e fertilidade. Com sua cabeça apontada para cima, quer dizer que o indivíduo está em ascensão dentro do crime organizado.

A águia simboliza liberdade. É desenhada no período de término da pena.

A índia, figura comum nos presídios cariocas nas décadas de 80 e 90, era usada por detentos ligados ao tráfico de drogas nos presídios. Eram os soldados do morro, indicando que poderiam usar fuzil.

A homossexualidade passiva na cadeia é representada pelo desenho de uma flor, de um beija-flor ou de uma borboleta.

A figura da pistola e do revólver na perna, peito ou costas traduzem assalto a mão armada, latrocida. O fuzil se relaciona com preso de alta periculosidade.

Integrantes de facções criminosas se identificam pelas iniciais da própria sigla. TCC – Terceiro Comando da Capital; CRBC – Comando Revolucionário Brasileiro da Criminalidade (também representado pelo pé de galinha ou cruz virada para baixo); SS – Seita Satânica.

Componentes do PCC – Primeiro Comando da Capital paulista – tatuam as letras PJLI – paz, justiça, liberdade e igualdade, a própria sigla, a carpa, o escorpião, Yin-Yang – princípio da filosofia chinesa que representa uma maneira de equilibrar o bem e o mal com sabedoria –, e os números 1533, que representam, no alfabeto, a 15ª, a 5ª e a 3ª letras, esta duas vezes, da sigla PCC.

O desenho da suástica está associado a crimes de intolerância.

A tatuagem, portanto, pode servir para individualizar a pessoa humana e está ligada à sua identidade física. Essa característica deve constar do BIC – Boletim de Identificação Criminal –, que vai formar o “D.V.C.” (Ficha Criminal Policial).

E para o início do processo penal, ainda que não se tenha conhecimento de outros dados, como o nome do suspeito, basta a identidade física do agente, nos termos do artigo 259 do Código de Processo Penal, podendo este ser denunciado com base em suas características físicas, dentre as quais pelos sinais do corpo ou pelas tatuagens.